



ISSN 2966-3466

Comunicação curta/ Short Communication

2025, 2, 73-77

## **Entre escutas e desconstruções: reflexões sobre masculinidades à luz das teorias feministas**

### **Between Listening and Deconstruction: Reflections on Masculinities through Feminist Theories**

### **Entre Escuchas y Deconstrucciones: Reflexiones sobre Masculinidades a la Luz de las Teorías Feministas**

Manueli Tomasi <sup>1</sup>

Nathália Matos Pereira<sup>2</sup>

João Luis Weber<sup>3</sup>

Luísa Rossini dos Santos<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia Social e Institucional (UFRGS) e docente do Curso de Psicologia (FSG), [manuelitomasi@gmail.com](mailto:manuelitomasi@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0002-9117-1694>

<sup>2</sup> Psicóloga no Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, [nathaliap@tjrs.jus.br](mailto:nathaliap@tjrs.jus.br), <https://orcid.org/0009-0001-6926-7999>

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia (PUC-RS), Docente do Curso de Psicologia (FSG), [joao.weber@fsg.edu.br](mailto:joao.weber@fsg.edu.br), <https://orcid.org/0000-0002-7434-2359>

<sup>4</sup> Psicóloga Clínica, Psicanalista em Formação pela Vienna Instituição Psicanalítica, [luisarossinis@gmail.com](mailto:luisarossinis@gmail.com), <https://orcid.org/0009-0007-3457-9072>

#### **Contribuições**

A primeira e a segunda autoras foram responsáveis pela concepção, design e aquisição de dados. O terceiro e a quarta autora realizaram as análises de dados e revisão do texto. Todos os autores elaboraram o manuscrito. Todos os autores revisaram e concordaram com a versão final do artigo.

<https://doi.org/10.35168/2966-3466.UTP.ijfp.Y.Vol2.N4.pp73-77>

### Resumo

O presente trabalho, em formato de short communication, discute a violência de gênero sob uma perspectiva interseccional e estrutural, destacando o papel das masculinidades e das desigualdades sociais, raciais e econômicas. Com base em relatos de experiência de quatro profissionais da Psicologia, atuantes como facilitadores de grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, este estudo busca compreender a dinâmica desse espaço de escuta e construção. A metodologia utilizada foi o relato de experiência, com enfoque qualitativo, embasado em teorias feministas, estudos de gênero e masculinidades. Ressalta-se a necessidade de escutar as masculinidades em sua pluralidade e de desconstruir discursos estigmatizantes que associam “machismo” exclusivamente a homens racializados e pobres, além da necessidade de pensar políticas públicas que enfrentam a violência de gênero a partir de uma perspectiva que integre cuidado, escuta e justiça social.

**Palavras-chave:** Masculinidades; violência de gênero; teorias feministas; psicologia jurídica.

### Abstract

This short communication discusses gender-based violence from an intersectional and structural perspective, highlighting the role of masculinities and social, racial, and economic inequalities. Based on experience reports from four Psychology professionals who work as facilitators of reflective groups with men who have committed domestic violence in a city in the interior of Rio Grande do Sul, this study seeks to understand the dynamics of this listening and construction space. The methodology used was the experience report, with a qualitative approach, grounded in feminist theories, gender studies, and studies on masculinities. The need to listen to masculinities in their plurality and to deconstruct stigmatizing discourses that associate "machismo" exclusively with racialized and poor men is emphasized, as well as the need to design public policies to address gender-based violence from a perspective that integrates care, listening, and social justice.

**Keywords:** Masculinities; gender-based violence; feminist theories; legal psychology.

### Resumen

El presente trabajo, en formato de *short communication*, discute la violencia de género desde una perspectiva interseccional y estructural, destacando el papel de las masculinidades y las desigualdades sociales, raciales y económicas. Con base en relatos de experiencia de cuatro profesionales de la Psicología que actúan como facilitadores de grupos reflexivos con hombres autores de violencia doméstica en una ciudad del interior de Rio Grande do Sul, este estudio busca comprender la dinámica de este espacio de escucha y construcción. La metodología utilizada fue el relato de experiencia, con un enfoque cualitativo, fundamentado en teorías feministas, estudios de género y de masculinidades. Se resalta la necesidad de escuchar las masculinidades en su pluralidad y de desconstruir discursos estigmatizantes que asocian el “machismo” exclusivamente a hombres racializados y pobres, además de la necesidad de pensar políticas públicas que enfrenten la violencia de género desde una perspectiva que integre el cuidado, la escucha y la justicia social.

**Palabras clave:** Masculinidades; violencia de género; teorías feministas; psicología jurídica.

### Introdução

Este *short communication* tem como objetivo discutir a violência de gênero a partir de uma perspectiva multifacetada, compreendendo-a como parte de uma engrenagem sistemática e estrutural que impacta, principalmente, as mulheres, mas que também forja masculinidades por meio de diversos mecanismos de controle e poder. A reflexão desenvolve-se a partir de um **relato de experiência** enquanto profissionais da Psicologia Jurídica, atuando como facilitadores de grupos reflexivos, junto ao Juizado de Violência Doméstica, com homens que respondem processos judiciais na Lei Maria da Penha. Parte-se da compreensão de que os casos de violência contra a mulher não devem ser analisados como eventos estáticos, sob uma lógica linear de causa e efeito, exclusivamente punitivista.

Reconhece-se a relevância de desenvolver trabalhos junto a homens autores de violência a partir da desconstrução de perspectivas dicotômicas, reducionistas, essencialistas e naturalizantes. Defende-se uma escuta orientada por aportes das Teorias Feministas e de Gênero, articulada aos saberes localizados, situados e interseccionalizados (Haraway, 1995), de modo a evitar universalizações das experiências e, ao mesmo tempo, possibilitar reflexões críticas acerca das masculinidades e das violências enquanto construções culturalmente inscritas nas relações intersociais.

### Método

O presente estudo adota como método o relato de experiência de um Grupo Reflexivo para Homens, realizado no âmbito da Vara de Violência Doméstica de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma abordagem qualitativa que possibilita a análise das vivências de profissionais da Psicologia Jurídica em sua atuação durante os encontros. Como referencial analítico, recorreremos aos estudos de gênero, às discussões sobre masculinidades e às teorias feministas.

O Grupo Reflexivo para Homens constitui uma metodologia amplamente discutida em pesquisas e práticas tanto no âmbito nacional

quanto internacional. No Brasil, destaca-se o Grupo de Pesquisa Margens, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em colaboração com o Núcleo de Pesquisa em Psicologia Jurídica (NPPJ). Esses pesquisadores desenvolvem guias práticos e estudos acadêmicos voltados a apoiar profissionais e instituições que compõem a rede de enfrentamento à violência contra a mulher, oferecendo subsídios para o planejamento, a implementação e a consolidação de grupos reflexivos e responsabilizantes destinados a homens autores de violência doméstica e familiar. (Beiras et al., 2024).

O grupo tem como propósito fomentar processos de reflexão e de responsabilização dos participantes, homens autores de violência contra mulheres, em relação aos atos cometidos. Em consonância com as diretrizes indicadas por pesquisas na área, adota-se uma metodologia ativa, que favorece a elaboração reflexiva a partir do compartilhamento de vivências, do exercício de escuta de si e do outro. Os encontros são realizados semanalmente, em um total de oito, o número de participantes varia entre 8 e 15 pessoas que são encaminhados pelo judiciário. Nos encontros abordam-se temáticas voltadas à problematização das masculinidades, das relações interpessoais e da responsabilização. Busca-se, assim, promover trocas que possibilitem o questionamento e a desconstrução de práticas violentas, favorecendo a construção de relações mais equitativas e respeitadas. (Beiras et al., 2024).

### Resultados

Nos encontros do Grupo Reflexivo, algumas categorias emergem de forma recorrente: **masculinidades hegemônicas, violência estrutural, vulnerabilidades sociais, silenciamento emocional e barreiras ao cuidado em saúde mental**. Observa-se que, embora os homens participantes possuam trajetórias diversas, há pontos comuns, como experiências marcadas por desigualdades relacionadas à **raça, classe** e outras formas de violências, bem como a ausência do Estado no acesso a direitos básicos. (Beiras & von Muhlen, 2025; Ribeiro & Macedo, 2025)

O ideal da **masculinidade hegemônica**, associado a um homem branco, cisgênero, heterossexual e “forte”, promove o silenciamento e a contenção da expressão emocional. Nessa lógica, expressar sentimentos e necessidades é incompatível com a masculinidade idealizada, levando muitos homens a se afastarem, consciente ou inconscientemente, do cuidado em saúde mental. Ao negar essas demandas, negam também o cuidado consigo mesmos. (Ribeiro & Macedo, 2025; Vigoya, 2018)

bell hooks (2022) aponta que essa dinâmica é ainda mais marcada entre homens negros, que, diante da violência estrutural do racismo, aprendem a **esconder ou reprimir suas vulnerabilidades** como estratégia de sobrevivência. A dificuldade de reconhecer e expressar sentimentos pode gerar uma **incapacidade de conexão emocional com o outro**, refletindo efeitos da opressão estrutural sobre as experiências emocionais e relacionais.

Estudos recentes, como Ribeiro e Macedo (2025), indicam a predominância de homens negros entre os participantes dos grupos reflexivos. No relato de experiência, observou-se que homens negros e pardos permanecem, em média, mais tempo privados de liberdade do que homens brancos em situações semelhantes. Embora incipientes e não generalizáveis, esses dados permitem refletir sobre diferenças entre masculinidades e sobre a intersecção de raça, classe e gênero nas práticas institucionais de controle.

A partir dessas análises, emergem questões críticas: a violência contra a mulher pode ser compreendida como parte de um projeto de **violência colonial**? Quando direitos humanos básicos são negligenciados e não articulados às violências de gênero, estaríamos contribuindo para a perpetuação da ilusão de que o Estado protege efetivamente as mulheres? E, ao fazê-lo, não estaríamos também negando que existe uma **gestão diferenciada da proteção estatal**, determinada por fatores como raça, classe, idade e gênero?

## Discussão

O grupo reflexivo é pautado na escuta, a qual acolhe tanto as singularidades quanto os processos sociais que formam subjetividades. Compreende-se que, no manejo desses grupos, não é possível adotar uma abordagem meramente psicologizante ou patologizante das masculinidades.

Enfatiza-se que os grupos reflexivos com homens devem ser conduzidos em prol do combate da violência contra as mulheres fundamentando-se em teorias de gênero articuladas com os referenciais da Psicologia (Beiras & Muhlen, 2025). Neste trabalho, reconhece-se igualmente a importância das teóricas feministas, que operam como lentes potentes para uma escuta ética e politicamente comprometida. Françoise Vergès (2021), convoca a pensar que o Estado que diz proteger as mulheres por políticas coercitivas, é o mesmo Estado neoliberal que desumaniza e acusa o indivíduo pelo seu próprio fracasso.

Inspiradas/os pela autora latino-americana Mara Viveros Vigoya (2018), compreendemos, ao investigar as masculinidades a partir de uma perspectiva interseccional, que a violência de gênero deve ser analisada de forma **relacional**, buscando compreender as dinâmicas de poder que a sustentam. Durante nossas experiências grupais, torna-se evidente o entrecruzamento entre gênero e raça, a partir da constatação de que, na América Latina, as ideologias raciais se articulam com a dominação de gênero, operando de modo simultâneo: controlam a sexualidade das mulheres e subjugam os homens racializados.

Esses tensionamentos nos convidam a refletir: O sistema carcerário, ao qual são submetidos os homens condenados por agressão, marcado por violações de direitos humanos, desumanização e objetificação, é capaz de oferecer justiça ou reparação a uma mulher vítima de violências? A detenção do cônjuge seria suficiente para promover uma transformação subjetiva e cultural e uma proteção à vítima? É possível proteger as mulheres objetificando e desumanizando as masculinidades?

### Considerações Finais

Perante os fatos e as escutas realizadas nos grupos reflexivos, compreendidos como uma das ferramentas estatais de cuidado e escuta das masculinidades, observa-se uma tentativa de ruptura com a lógica meramente punitivista e desumanizante. Tais grupos revelam-se como mecanismos potentes para imaginar outras alternativas possíveis de transformação sociocultural, ainda que distantes de oferecer soluções definitivas para um caminho marcado por inúmeros desafios.

Nesse sentido, recorreremos às autoras feministas para iluminar a história por trás do termo “machismo”, o qual carrega valores simbólicos de racismo e classismo ao associar, de forma estigmatizante, os homens latino-americanos a traços negativos de caráter. No que se refere às iniciativas de prevenção da violência doméstica que buscam promover mudanças comportamentais nos homens, é fundamental considerar as estruturas sociais, políticas e culturais que sustentam a hegemonia das masculinidades.

O feminicídio e outras ações violentas cometidas por determinados homens podem ser compreendidos como tentativas de restaurar um domínio simbólico perdido, numa sociedade marcada por aparatos de hegemonia racial e econômica. Portanto, é imprescindível escutar as masculinidades em sua pluralidade, reconhecendo tanto os mecanismos que perpetuam os privilégios masculinos quanto as hierarquias existentes entre os próprios homens, as quais colocam determinados grupos em posições marginalizadas e estereotipadas.

Por fim, recomenda-se, de forma urgente, a realização de capacitações para os profissionais da rede de Proteção à Mulher, com foco na compreensão da violência estrutural e das interseccionalidades. Sugere-se também a promoção de discussões e ações de conscientização que sensibilizem e articulem os atores da rede quanto à relevância dos trabalhos reflexivos e responsabilizantes

com homens autores de violência contra mulheres, indo além da lógica restrita ao sistema de justiça criminal e reconhecendo esses homens como sujeitos de cuidado nos serviços de assistência psicossocial. A violência contra a mulher não é um tema exclusivo das mulheres, mas uma questão social que demanda, sobretudo, a participação e a responsabilidade dos homens.

### Referências

- Beiras, A., & von Muhlen, B. K. (Orgs.). (2025). *Homens autores de violência contra mulheres: Teorias e metodologias para a facilitação grupal*. Editora Abrapso.
- Beiras, A., [et al.]. (2024). *Guia prático grupos reflexivos para homens autores de violência: Planejamento, implementação e consolidação* [Livro eletrônico]. Florianópolis, SC: Edições do Bosque/CFH/UFSC.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, (5), 7-41.
- Hooks B. (2022). *A gente é da hora: homens negros e masculinidades*. São Paulo: Elefante.
- Ribeiro, E. B., & Macedo, R. G. M. (2025). “Larga a mão de frescura! Vai encher a cara!”: masculinidades de homens autores de violência e saúde mental. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 29, e250081.
- Vergès, F. (2021). *Uma teoria feminista da violência: Por uma política antirracista da proteção*. Ubu Editora.
- Viveros Vigoya, M. (2018). *As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Papéis Selvagens.

Received February 20, 2025

Revision received July 31, 2025

Accepted August 2, 2025

**Copyright:** © 2025 by the authors. Submitted for possible open access publication under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).